

CARACTERIZAÇÃO DA OVINOcultura E PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DA CARNE OVINA NA MICRORREGIÃO DO ALTO TELES PIRES, ESTADO DE MATO GROSSO

Raphael de Castro Mourão^{1*} - Aline Paula Zatti² - Dácio Olibone³
Juliano Araújo Martins⁴ - João Ricardo Malheiros de Souza⁵

RESUMO - O agronegócio no Mato Grosso se desenvolve a passos largos. Alavancada pela agricultura, a pecuária vem aproveitando as oportunidades. Neste sentido, a ovinocultura apresentou grande crescimento nos últimos 20 anos no estado. Entretanto estão claras as necessidades da cadeia produtiva local, em virtude da escassez de pesquisas a este respeito. Objetivou-se a caracterização do mercado da carne ovina na microrregião do Alto Teles Pires. Entre as 39 propriedades avaliadas, 79,49% possuem rebanhos com menos de 100 animais. O sistema de produção predominante é o semi-intensivo, destinado à produção de carne. A maior parte dos rebanhos é mestiça e a raça predominante é a Santa Inês. Em 97,4% das propriedades foi constatado que a pecuária não é a atividade principal, com destaque para a agricultura. Em apenas 20,51% das propriedades os animais são comercializados e o principal motivo para a exploração não comercial foi a ausência de frigoríficos na região. Todos os rebanhos são criados a pasto, sendo o pastejo contínuo presente em 74,36% das propriedades, enquanto o rotacionado é verificado em 17,95%. As forrageiras mais cultivadas são o Mombaça e Massai. As principais doenças citadas foram mastite, miíase, pneumonia, aborto e podridão do casco, sendo feita a vermifugação em todas as propriedades. A assistência técnica é presente em apenas 59,00% das propriedades. É necessário que os produtores se organizem para buscar alternativas para a comercialização dos produtos cárneos, visando a maior rentabilidade da atividade. Técnicas mais adequadas de manejo nutricional, reprodutivo e sanitário são importantes para elevar os índices produtivos.

Palavras-chave: avaliação zootécnica; ovinos; sistema de produção.

CARACTERIZACIÓN DE LA GANADERÍA OVINA Y PERSPECTIVAS PARA EL MERCADO DE LA CARNE DE OVINO EN LA MICRORREGIÓN ALTO TELES PIRES, ESTADO DE MATO GROSSO

RESUMEN – El agronegocio en Mato Grosso se desarrolla a pasos agigantados. Apalancada por la agricultura, la ganadería ha estado aprovechando las oportunidades. En este sentido, la ganadería ovina ha mostrado un gran crecimiento en los últimos 20 años en el estado. Sin embargo, las necesidades de la cadena productiva local son claras, debido a la escasez de investigaciones al respecto. El objetivo fue caracterizar el mercado de la carne ovina en la microrregión Alto Teles Pires. Entre las 39 propiedades evaluadas, el 79,49% tiene hatos con menos de 100 animales. El sistema de producción predominante es semi-intensivo, destinado a la producción de carne. La mayoría de los rebaños son mixtos y la raza predominante es la Santa Inês. En el 97,4% de las propiedades se encontró que la ganadería no es la actividad principal, especialmente la agricultura. En solo el 20,51% de las propiedades se comercializan los animales y la principal razón de la explotación no comercial fue la ausencia de mataderos en la región. Todos los rebaños son criados a pasto, con pastoreo continuo presente en el 74,36% de las propiedades, mientras que el pastoreo rotativo se observa en el 17,95%. Los forrajes más cultivadas son Mombasa y Massai. Las principales enfermedades mencionadas fueron mastitis, miasis, neumonía, aborto y podredumbre, realizándose desparasitaciones en todas las propiedades. La asistencia técnica está presente sólo en el 59,00% de las propiedades. Es necesario que los productores se organicen para buscar alternativas para la comercialización de productos cárnicos, visando una mayor rentabilidad de la actividad. Las técnicas de manejo nutricional, reproductivo y sanitario más adecuadas son importantes para aumentar las tasas de producción.

Palabras Clave: evaluación zootécnica; ganadería ovina; sistema de producción

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS, Campus Sertão. Zootecnista, Doutor em Nutrição de Ruminantes. Rua Bento Gonçalves, 598, apto 902 – Bairro: Centro; 99.010-010, Passo Fundo, RS, Brasil. E-mail: raphaelcmourao@yahoo.com.br *(autor correspondente)

² Professora da Universidade de Cuiabá – UNIC, Unidade Sorriso. Engenheira Agrônoma, Especialista em Gestão em Vendas. E-mail: aliine.zatti@hotmail.com

³ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso – IFMT, Campus Sorriso. Engenheiro Agrônomo, Doutor em Agronomia. E-mail: dacio.olibone@ifmt.edu.br

⁴ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso – IFMT, Campus Sorriso. Engenheiro Agrônomo, Doutor em Engenharia de Sistemas Agrícolas. E-mail: juliano.martins@ifmt.edu.br

⁵ Instituto de Pesquisas e Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas – PECEGE. Médico Veterinário. Doutor em Medicina Veterinária. E-mail: joao.rms@gmail.com

INTRODUÇÃO

O agronegócio brasileiro se desenvolve constantemente, por meio do uso de tecnologias cada vez mais modernas, do controle de riscos sanitários e da melhoria dos índices produtivos e da qualidade dos produtos. Como consequência da profissionalização, o aumento da produtividade e da rentabilidade, sobretudo no setor agrícola, tem sido conquistados a cada ano. Segundo a CONAB (2022), na safra 2021/22, o Brasil produziu cerca de 271 milhões de toneladas de grãos, com área plantada de 74,3 milhões de hectares. Esta produção é 5,6% ou 14,5 milhões de toneladas superior à safra anterior. As culturas mais representativas foram: soja (125,55); milho (113,27); arroz (10,78); trigo (9,37) e algodão (6,28 milhões de toneladas).

O Mato Grosso se destaca cada vez mais no agronegócio brasileiro por meio de diversas atividades, sobretudo na produção de grãos e cereais. A agricultura da região representa grande parte do PIB do estado e do país, por meio, principalmente, da soja, milho e algodão, além de outras culturas de menor impacto econômico, mas de extrema importância para a manutenção do sistema produtivo, a partir da rotação de culturas e da integração. Na safra 2021/22, o Mato Grosso foi responsável por, aproximadamente, 86,48 milhões de toneladas, 31,91% da produção nacional, ocupando uma área plantada de 19,23 milhões de hectares (CONAB, 2022).

Diante deste cenário, e da crescente valorização das terras disponíveis ao agronegócio na região, é fundamental que a pecuária busque cada vez mais alternativas para manter-se competitiva frente à concorrência com a agricultura e com as demais atividades econômicas. No ano de 2012, o preço médio da terra no Mato Grosso era de 4.804,00 R\$/há, com variação entre 480,00 e 20.000,00 R\$/há. Em 2018, já foram registrados valores de 27.750,00 R\$/há, o que representa incremento de 38,75% sobre o preço máximo da terra no estado (ANUALPEC, 2019).

Com o desenvolvimento da agricultura no estado, é crescente o interesse pela produção animal, principalmente aves e suínos. A produção de monogástricos é prevalentemente intensiva, demandando pouca área para o seu desenvolvimento, além de permitir a integração com a produção de grãos, a verticalização e a agregação de valor na propriedade. Entre os anos de 2007 e 2012, o rebanho suíno do Mato Grosso aumentou consideravelmente, partindo de 1,39 para 1,79 milhões de cabeças, representando cerca de 4,61% do efetivo nacional (ANUALPEC, 2013). Em 2019 o rebanho suíno do estado já era de 3,23 milhões de cabeças e representou 7,7% do efetivo no país (ANUALPEC, 2019).

Por outro lado, na produção de ruminantes, tradicionalmente menos eficiente do ponto de vista biológico, em situações como as apresentadas anteriormente, onde o desafio é produzir alimento de origem animal de forma lucrativa, em virtude da elevada e constante valorização da terra, é necessário se buscar índices produtivos superiores, obtidos a partir do controle absoluto dos custos e das oportunidades, para que a pecuária possa manter-se competitiva diante da agricultura e de outras atividades de alta rentabilidade.

Entre as estratégias de profissionalização da pecuária, a intensificação dos sistemas de produção pode proporcionar o uso racional da terra, elevando a rentabilidade e a competitividade da atividade frente a outras, geralmente, mais lucrativas. O confinamento de bovinos é uma estratégia bastante utilizada nestes casos, e vem crescendo em todo o país, sobretudo em regiões produtoras de alimentos de origem vegetal, em especial os grãos, muito utilizados na alimentação animal intensiva, seja na forma *in natura* ou por meio dos subprodutos industriais.

Diante deste cenário, a bovinocultura de corte se destaca na região, concentrando as atividades de recria e engorda em pequenas áreas e em regimes intensivos de produção. O rebanho bovino mato-grossense é o maior do país, com cerca de 30 milhões de cabeças (ANUALPEC, 2019), o que representa aproximadamente 15,5% do efetivo nacional. Além

disso, segundo a mesma fonte, o estado foi responsável por 12,26% dos abates registrados e por 13,37% da carne produzida no Brasil no ano de 2018.

De acordo com o ANUALPEC (2019), em 2011, foram confinados cerca de 3,38 milhões de bovinos no Brasil, o que representou 8,27% dos 40.848.429 animais abatidos no país. No ano de 2019, os animais confinados já foram responsáveis por 9,09% dos abates. No estado de Mato Grosso, em 2018, os bovinos abatidos terminados em confinamento representaram 21,38% dos abates no estado e 23,5% do total de animais confinados no país. Segundo a ABIEC (2022), atualmente, o Brasil exporta cerca de 25% da carne bovina produzida no país, que é negociada para centenas de países em todo o mundo. O Mato Grosso detém a maior quantidade de frigoríficos exportadores de carne bovina do país e grande parte dos bovinos confinados e abatidos no Mato Grosso são destinados à exportação.

Na ovinocultura o cenário não é tão favorável. A atividade já é realidade em parte do país, como nos estados das regiões sul e nordeste, em algumas localidades do sudeste, mas encontra dificuldades para se desenvolver na região centro oeste, particularmente no Mato Grosso e em outras regiões onde o agronegócio encontra-se em franco desenvolvimento. De acordo com Bento *et al.* (2014a), os objetivos das criações de ovinos presentes nas regiões brasileiras são diferentes. No Nordeste as criações visam basicamente à subsistência da população, enquanto nas demais regiões do Brasil a ovinocultura se baseia na produção de carne e a cadeia produtiva vem se estruturando com o passar do tempo.

Entre os principais fatores que colaboram para a baixa representatividade da ovinocultura no Mato Grosso destacam-se o reduzido consumo da carne e dos demais produtos oriundos da atividade, a baixa profissionalização do setor e, conseqüentemente, os índices produtivos e a rentabilidade abaixo da expectativa dos produtores. Segundo Eckstein *et al.* (2017), a ovinocultura praticada na região de Sinop-MT é caracterizada pelo sistema semi-intensivo, com foco na produção de carne e no consumo familiar, em propriedades em que a ovinocultura não é a atividade principal. Estes autores verificaram ainda baixos índices reprodutivos, produtivos e prevalência de enfermidades nos rebanhos avaliados.

Apesar disso, segundo o IBGE (2015), o Mato Grosso é o estado que apresentou a maior taxa de crescimento do rebanho ovino nos últimos anos no Brasil, o que eleva a expectativa de crescimento do setor. Entre 2004 e 2011, enquanto o efetivo de ovinos no país cresceu 17%, no estado de Mato Grosso foi registrado 72% de aumento (BARROS *et al.*, 2016). Atualmente, o rebanho ovino brasileiro é de cerca de 20,54 milhões de cabeças, registrando crescimento médio de 1,62% nos últimos 10 anos (IBGE, 2021). Porém, no Mato Grosso, este crescimento acelerado, notado na década passada, parece ter se interrompido. O rebanho ovino no estado reduziu de 442 mil cabeças em 2009 para 399 mil cabeças em 2017 (ANUALPEC, 2019).

Parece claro que o principal obstáculo para o desenvolvimento da atividade está relacionado à comercialização da carne ovina. Um equilíbrio entre a oferta e procura do produto, bem como a estruturação da cadeia produtiva como um todo são essenciais. De acordo com Carvalho & Souza (2008), apesar do potencial de desenvolvimento da cadeia produtiva, a atividade é caracterizada pela ausência de estruturas de governança capazes de organizar e gerar competitividade para o sistema agroindustrial da ovinocultura. Segundo os autores, são comuns iniciativas isoladas na busca da coordenação da cadeia produtiva, porém é evidente a carência de estudos que indiquem os problemas, as oportunidades, as vantagens e os meios para que os agentes destas cadeias produtivas efetivem ações de coordenação.

Neste sentido, o objetivo deste estudo foi levantar as informações necessárias para caracterizar a ovinocultura e o mercado da carne ovina na região do Alto Teles Pires, com foco na identificação de oportunidades de desenvolvimento da atividade na região. A viabilização da ovinocultura nestas localidades pode gerar renda e desenvolvimento social para pequenos e médios produtores, evitando assim a consolidação do perfil latifundiário e monocultor do produtor rural desta região.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi conduzido com 39 produtores de ovinos da microrregião do Alto Teles Pires, localizada na região Médio-Norte do estado de Mato Grosso, classificada pelo Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (IMEA, 2010). A microrregião do Alto Teles Pires compreende os seguintes municípios: Sorriso; Ipiranga do Norte; Itanhangá; Nova Uiratã; Tapurah; Lucas do Rio Verde; Nova Mutum; Santa Rita do Trivelato e Nobres.

As propriedades foram mapeadas e as visitas agendadas com o auxílio dos órgãos municipais de extensão, sindicatos rurais e associações de produtores regionais. Foi realizada amostragem probabilística por conveniência, selecionadas propriedades de criação de ovinos de maneira aleatória, independentemente do tamanho do rebanho, da atividade principal ou de qualquer outra característica técnica, no intuito de se obter o perfil dos criadores de ovinos da microrregião do Alto Teles Pires, MT.

A caracterização dos sistemas de produção foi obtida por meio de um questionário zootécnico, adaptado do Yorinori (2001), preenchido por meio de entrevistas realizadas *in locu*, com o responsável pela propriedade. O questionário abordou diferentes pontos das unidades produtivas, divididos em 03 (três) grupos:

I. Características socioeconômicas do produtor, como idade, escolaridade, tempo de atuação na atividade, importância econômica da atividade para o produtor, formas de comercialização.

II. Características da estrutura das propriedades, como tamanho e composição do rebanho, área destinada à ovinocultura e origem dos animais, tipo de exploração.

III. Manejo nutricional, reprodutivo e sanitário dos ovinos, acompanhamento técnico, vacinas e exames realizados.

Foi criado um banco de dados utilizando o software Epi Info 7.0® para que as informações dos questionários fossem compiladas. As análises estatísticas descritivas foram realizadas através do programa Microsoft Office Excel® 2010. A partir da realização deste levantamento será possível elaborar e conduzir um trabalho regional de apoio técnico às propriedades avaliadas, bem como às demais propriedades produtoras de ovinos na região, com foco no desenvolvimento da atividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao perfil dos entrevistados, foi observado que 41,03% (16/39) residem na propriedade, enquanto 58,97% (23/39) vivem em outra localidade. Em média, 1,49 pessoas da família moram na propriedade e 1,69 pessoas da família trabalham na unidade produtiva. As propriedades estudadas possuem, em média, 7,44 funcionários, mas apenas 0,36 (4,84%) trabalham exclusivamente com a ovinocultura, enquanto os outros 7,08 (95,16%) desempenham atividades distintas, entre elas, tarefas relacionadas aos ovinos.

Foi questionado sobre a profissão dos entrevistados e a grande maioria (92,31%) se declarou agricultor, seguido por 5,13% que se consideram estudantes e apenas 2,56% pecuaristas. A situação acima é explicada pelo fato de que 97,4% (38/39) das propriedades avaliadas tem a agricultura como atividade principal contra 2,6% (1/39) da pecuária. A região do Alto Teles Pires é um polo regional de produção de grãos e a ovinocultura está presente, em muitas propriedades, como fonte de renda complementar à atividade principal.

As propriedades pesquisadas possuem, em média, 2.236,18 hectares (há) de área total, com variação entre 70 e 13.382 há. No entanto, apenas 47,65 há são destinados à atividade pecuária e 13,65 há destinados à ovinocultura. Em 69,23% (27/39) das propriedades a ovinocultura não está integrada com outras atividades e em 30,77% (12/39) a integração ocorre

com a agricultura. Em regiões em que a produção de grãos é desenvolvida os pecuaristas encontram oportunidades para fomentar produção animal, por meio do conhecimento de manejo de solos, maquinários e implementos agrícolas, bem como pela própria infraestrutura existente na propriedade, potencializando o manejo das pastagens e a produção de alimentos volumosos para suplementação alimentar dos animais.

O início da atividade variou entre os anos de 1995 e 2013. De acordo com a análise dos rebanhos pesquisados, foi obtida uma média de 37,5 animais por propriedade, com variação de 8 a 700 animais por rebanho. Propriedades com rebanhos inferiores a 100 animais foram predominantes em 79,49% (31/39), seguido de propriedades acima de 100 animais, com 20,51% (8/39). Cerca de 97,44% (38/39) do rebanho é de origem nacional, sendo os animais oriundos, principalmente, do estado do Mato Grosso, bem como da região sul do país e do estado da Bahia, além de 2,56% (1/39) de ovinos importados da África (Tabela 1).

TABELA 1 – Origem do rebanho ovino da microrregião do Alto Teles Pires, MT.

Origem	Região (estado)	Frequência (%)
Nacional (38/39)	Total	97,44 %
	MT (37/39)	94,87 %
	PR (1/39)	2,56 %
	SC (2/39)	5,13 %
	BA (1/39)	2,56 %
Importada (1/39)	-	2,56 %

(Fonte: Arquivo Pessoal)

Na Figura 1 pode ser verificada a origem dos reprodutores utilizados nas propriedades pesquisadas. Os reprodutores são em sua maioria comprados de outras propriedades (58,14%). Em alguns casos estes reprodutores são trocados entre as unidades produtivas (34,88%) ou emprestados (6,98%). A grande quantidade de reprodutores trocados ou emprestados (41,86%) evidencia a baixa pressão de seleção dos rebanhos da região. Além disso, conforme já verificado na Tabela 1, a origem destes animais é predominantemente estadual, o que favorece a consanguinidade nos rebanhos.

O tempo de permanência dos reprodutores nos rebanhos é de, em média, 1,78 anos e varia entre 0,5 e 3,0 anos na maioria das propriedades (37/39), sendo que nas demais (2/39) este período é indeterminado. Entre os rebanhos estudados, apenas 1/39 participa de exposições agropecuárias e 2/39 exigem documento sanitário para a compra de animais. É importante salientar que práticas preventivas de manejo sanitário, tais como exames clínicos para diagnóstico de doenças infecciosas e quarentena para animais recém adquiridos podem evitar a introdução e proliferação de enfermidades na propriedade, bem como reduzir os prejuízos econômicos relacionados às doenças.

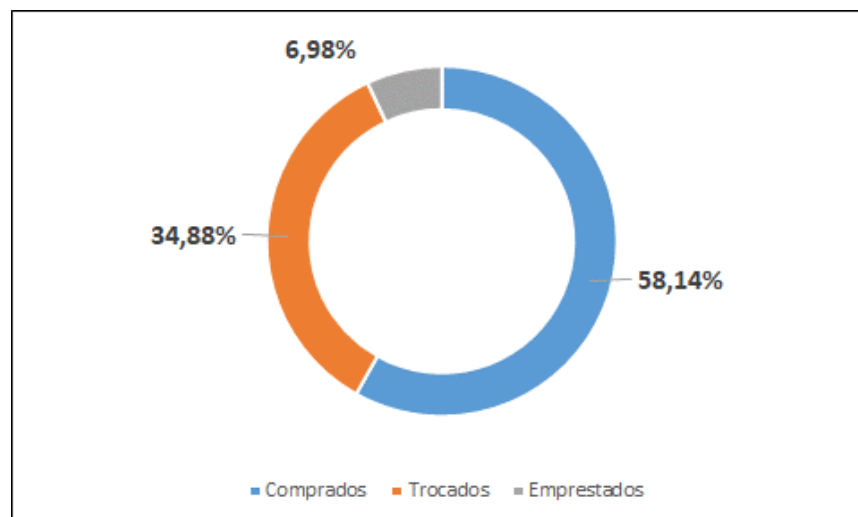


FIGURA 1 – Origem dos reprodutores utilizados nas propriedades da região do Alto Teles Pires, MT (Fonte: Arquivo Pessoal).

Os animais mestiços são predominantes em 69,23% (27/39) das propriedades, seguidos pelos animais das raças Santa Inês (25,64%) e Dorper (5,13%). Na tabela 2 pode ser verificada a distribuição total dos animais avaliados neste estudo e as raças mais presentes nestes rebanhos. Os animais mestiços compõem a maioria dos ovinos na região (56,63%), seguidos pelos animais das raças Santa Inês (23,65%), Dorper (14,59%), Texel (2,68%), White Dorper (2,35%) e Suffolk (0,10%). Foi verificada, tanto nos animais mestiços, quanto nas raças puras, uma forte predominância de grupamentos genéticos com aptidão para produção de carne, o que comprova a tendência deste mercado na região, relatada por Bento *et al.* (2014a) e Eckstein *et al.* (2017).

TABELA 2 – Grupo genético dos animais que compõem o rebanho ovino na microrregião do Alto Teles Pires, MT.

Grupo Genético	Quantidade de Animais	Porcentagem (%)
Mestiços	1688	56,63
Santa Inês	705	23,65
Dorper	435	14,59
Texel	80	2,68
White Dorper	70	2,35
Suffolk	3	0,10
Total	2981	100,00

(Fonte: Arquivo Pessoal)

O sistema de produção foi caracterizado como semi-intensivo em 61,54% (24/39), como extensivo em 33,33% (13/39), e como intensivo em apenas 5,13% (2/39) das propriedades (Figura 2). Todos os rebanhos pesquisados são criados a pasto, sendo o pastejo contínuo presente em 82,05% (32/39) das propriedades, enquanto o pastejo rotacionado é verificado em 17,95% (7/39). Entretanto, a divisão de pastagens é realizada por 49% dos ovinocultores, enquanto 51% utilizam uma única área para o rebanho. Apesar disso, apenas 6/39 (15%) dividem os animais por categorias e 33/39 (85%) não separam as idades e categorias de animais nas instalações e piquetes.

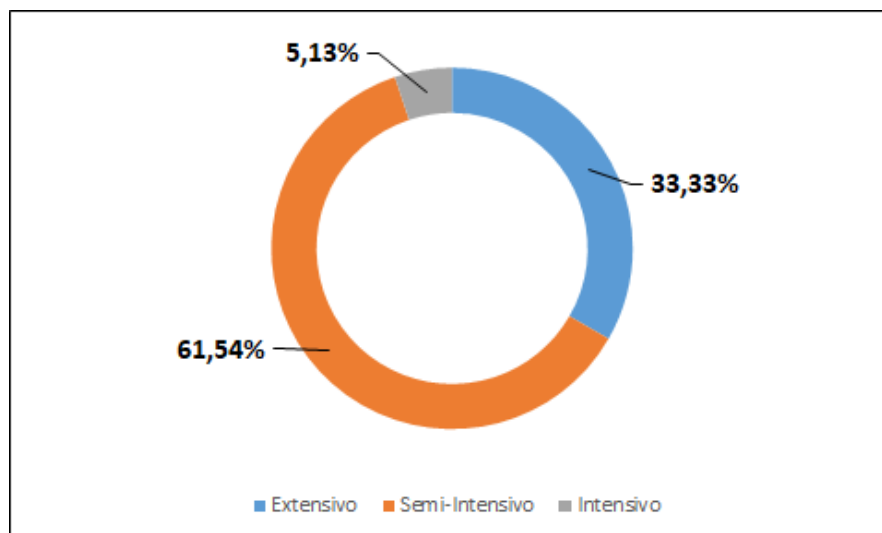


FIGURA 2 – Sistemas de produção adotados pelas unidades produtoras de ovinos na região do Alto Teles Pires, MT (Fonte: Arquivo Pessoal).

Na tabela 3 podem ser verificadas as forrageiras de maior ocorrência nas propriedades avaliadas. O Capim Mombaça é a forrageira mais frequente nestas propriedades (48,72%), seguido pelo Massai (38,46%) e Braquiária Decumbens (15,38%).

TABELA 3 – Forrageiras utilizadas no pastejo de ovinos na microrregião do Alto Teles Pires, MT.

Forrageira	Ocorrência
Mombaça	48,72% (19/39)
Massai	38,46% (15/39)
Braquiária Decumbens	15,38% (6/39)
Piatã	2,56% (1/39)
Colonião	2,56% (1/39)
Tanzânia	2,56% (1/39)
Tyfton	2,56% (1/39)
Braquiária Humidícola	2,56% (1/39)
Pensácola	2,56% (1/39)
Estilosantes	2,56% (1/39)
Gramma Batataiz	2,56% (1/39)
Braquiária Brizantha	2,56% (1/39)

(Fonte: Arquivo Pessoal)

Em relação ao manejo das pastagens foi verificado que 14/39 (36%) propriedades realizam análises de solos, 21/39 (54%) fazem calagem e 35/39 (90%) adubam estas áreas. A renovação das pastagens é realizada em 51% (20/39) das unidades produtivas e a frequência com que essa renovação ocorre varia entre 1 e 5 anos. Já foram encontradas plantas tóxicas nas áreas de pastagem em 3/39 (8,0%) propriedades e estas realizam o controle mecânico das plantas daninhas, bem como por meio de produtos químicos.

A suplementação alimentar com alimentos volumosos é adotada por 32/39 (82,05%) dos ovinocultores. Na figura 3 podem ser observados os principais tipos de alimentos volumosos utilizados pelos produtores em questão, com destaque para a Silagem de Milho, presente em 87,50% das propriedades. O uso de alimentos concentrados foi verificado em 51,28% (20/39) dos rebanhos, sendo o produto comercial o mais predominante (16/20), utilizado em 80% das propriedades, enquanto outras 20% (4/20) produzem o próprio concentrado. A suplementação mineral é adotada por 38/39 (97,44%) das unidades produtivas e em todas elas o produto utilizado é comercial.

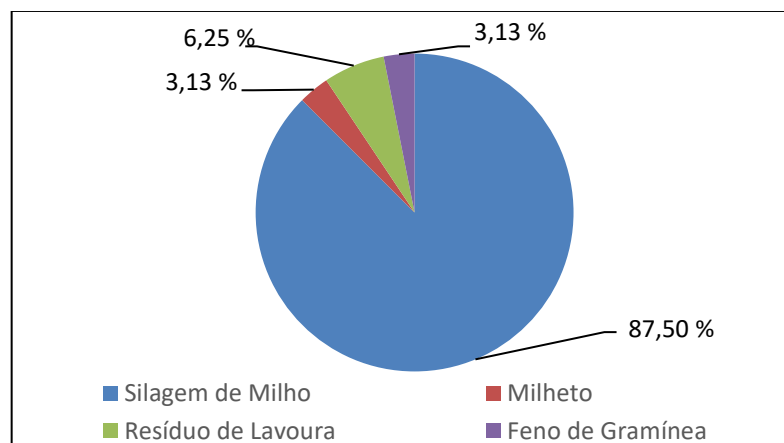


FIGURA 3 – Alimentos volumosos utilizados para suplementação alimentar pelos ovinocultores da região do Alto Teles Pires, MT (Fonte: Arquivo Pessoal).

Em 28/39 propriedades (72,00%) foi verificada a realização de casqueamento preventivo ou corretivo, sendo realizado apenas quando necessário em 43,59% (17/39), anualmente em 3/39 (7,69%) e semestralmente ou com menor frequência em 20,51% (8/39) dos criatórios. A monta natural é a prática de manejo reprodutivo predominante em todos os rebanhos avaliados. No entanto, a inseminação artificial também é utilizada em 1/39 (2,56%) das propriedades, bem como a monta controlada.

A vermifugação é realizada em todas as propriedades pesquisadas, e em 85,00% (33/39) destas é realizada a alternância de produtos veterinários. Apenas 2/39 (5,13%) das propriedades realizam exame de OPG (ovos de parasitas por grama de fezes) para monitoramento da verminose. A frequência das vermifugações varia entre 2 meses e 1 ano. A criação juntamente com outra espécie ocorre em 49,00% (19/39) dos rebanhos, e a espécie mais frequente é a bovina, com cerca de 43,59% (17/39), seguida da equina (12,82%; 5/39), e caprina (2,56%; 1/39).

Na Figura 4 podem ser verificadas as principais doenças presentes nos rebanhos avaliados. Entre as principais enfermidades relatadas, destacam-se a mastite (30,43%); miíases (17,39%); pneumonia (17,39%); aborto (13,04%) e podridão do casco (10,87%). A principal vacina preventiva realizada pelos criadores é para carbúnculo (58,97%), seguida pela febre aftosa (5,13%), leptospirose (2,56%) e clostridiose (2,56%). Cerca de 25,64% (10/39) dos produtores não vacinam seus animais e 87,18% (34/39) não realizam exames clínicos periódicos.

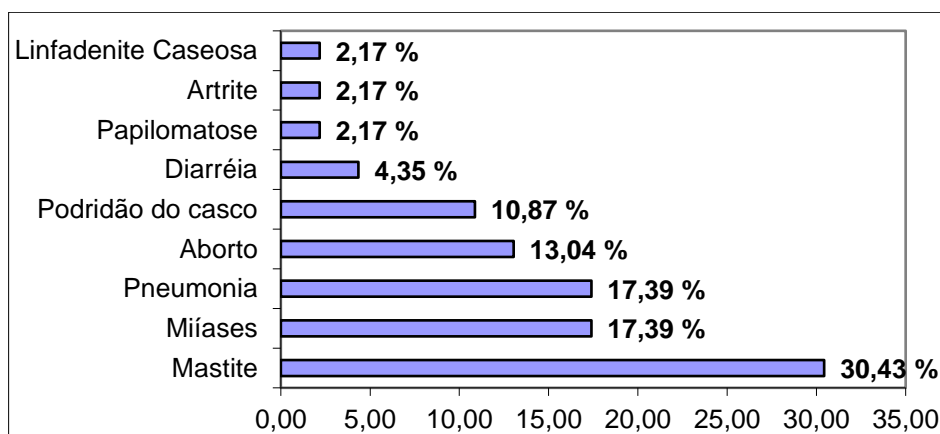


FIGURA 4 – Principais enfermidades que acometem os rebanhos ovinos na região do Alto Teles Pires, MT (Fonte: Arquivo Pessoal).

Todos os rebanhos avaliados (39/39) são destinados à produção de carne e em apenas 2,56% das propriedades (1/39) o leite também é explorado. Em 79,49% das propriedades os animais são criados apenas para consumo familiar, sendo que em 20,51% (8/39) os ovinos são comercializados dentro do próprio município. Os animais são abatidos na propriedade e comercializados diretamente com o consumidor que, geralmente, é um amigo ou pessoa próxima da família. Bento *et al* (2014b) conduziu estudo semelhante na microrregião de Sinop-MT e verificou que 60% dos ovinocultores não comercializam a carne ovina, 35% vendem apenas dentro do município, predominantemente ao consumidor final (85,71%) e apenas 5% vendem a carne ovina para outros estados.

A comercialização é realizada tanto em função do peso vivo (40%) quanto pelo peso da carcaça (60%). O preço praticado pelo animal vivo varia entre R\$ 10,00 e 12,00 e pela carcaça entre R\$ 12,00 e 16,00. A maioria dos entrevistados afirmaram que a procura pela carne ovina se concentra no final do ano (75%), enquanto 25% relataram haver demanda o ano todo. Nenhum produtor beneficia a pele dos animais na propriedade ou gera qualquer fonte de renda a partir dela.

A idade de abate predominante nas unidades produtivas estudadas é de 06 (seis) a 12 meses (50%), seguida pela idade menor que 06 (seis) meses (37,5%) e pelos animais acima de 12 meses (12,5%). Bento *et al* (2014b) também verificaram a predominância de animais abatidos entre 6 (seis) e 12 meses (67,74%), seguido por animais abatidos com menos de 6 (seis) meses (22,58%). O peso de abate varia entre 15 e 60 kg de peso vivo (PV), sendo os animais jovens abatidos entre 15 e 35 kg de PV e os adultos entre 25 e 60 kg de PV.

Na figura 5 podem ser observadas as alegações dos ovinocultores quanto às principais dificuldades para a comercialização de ovinos produzidos na região. É possível se verificar o impacto da falta de logística entre a propriedade rural e os estabelecimentos de abate para o desenvolvimento da atividade, bem como o baixo consumo do produto na região. No estudo conduzido por Bianchini *et al.* (2015), realizado no município de Dom Pedrito-RS, o preço elevado foi o fator mais impactante no consumo da carne ovina (28,20%), seguido pela falta do produto no mercado (24,10%). A região sul do Brasil é onde a ovinocultura encontra sua cadeia produtiva mais estruturada para a produção de carne. Nesta região, no ano de 2018, foram catalogados pela EMBRAPA 108 abatedouros de ovinos, sendo 47 com SIF (Embrapa, 2022).

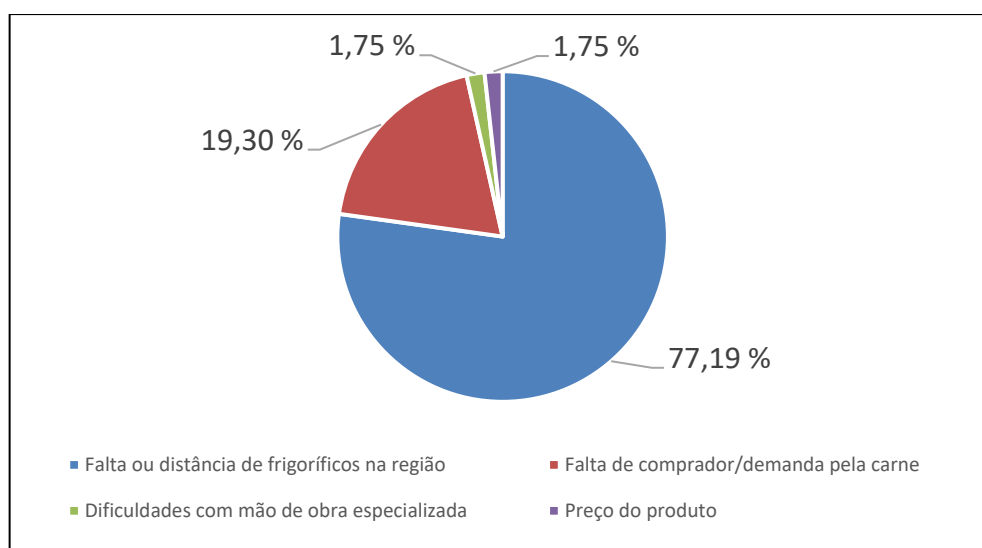


FIGURA 5 – Principais dificuldades para a comercialização da carne ovina na região do Alto Teles Pires, MT (Fonte: Arquivo Pessoal).

Por outro lado, de acordo com a Embrapa (2022), no ano de 2018, existiam apenas 08 (oito) abatedouros de ovinos no estado de Mato Grosso, sendo 05 (cinco) com SIM (Serviço de Inspeção Municipal), 03 (três) com SIE (Serviço de Inspeção Estadual) e nenhum com SIF (Serviço de Inspeção Federal). Estes estabelecimentos concentram seus abates e distribuição de produtos a nível local e regional e não contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento da cadeia produtiva no estado. A região Centro Oeste, por sua vez, possuía, na mesma época, 141 abatedouros de ovinos, sendo 128 com SIF, o que demonstra que o estado de Mato Grosso não possui estrutura frigorífica compatível com os demais estados desta região.

Coutinho (2017) conduziu estudo com 400 consumidores no município de Sinop-MT e verificou que a maioria dos entrevistados (70,25%) já consumiu a carne ovina, sendo que 69,40% destes aprecia esta carne, enquanto 23,84% são indiferentes e apenas 6,76% não gosta do produto. Apesar da grande aceitação da carne ovina neste município, este mesmo estudo levantou que a carne mais consumida na região é a bovina, seguida pela carne de aves, suína, peixes e ovina. Segundo o autor, os principais fatores que contribuem para o baixo consumo da carne ovina no município de Sinop-MT são: indisponibilidade ou irregularidade na oferta (50,89%) e preço muito elevado (19,22%).

De acordo com Teixeira *et al.* (2020), o processamento da carne de animais abatidos é uma maneira interessante de valorizar animais com baixa aceitabilidade no mercado, já que os países com uma longa tradição no consumo de carne de pequenos ruminantes também consomem muitos produtos processados. Os autores sugerem para a carne ovina a produção de linguiças fermentadas, cortes curados e patês, devido ao grande potencial comercial desses produtos, considerados de alta aceitação pelos consumidores. Segundo Teixeira & Rodrigues (2019), os processos de defumação, secagem e salga são as formas mais antigas de conservação da carne, sendo algumas delas reconhecidas atualmente como marcas de denominação de origem protegida (DOP) ou de indicação geográfica protegida (IPG).

Em relação à aquisição de animais para os plantéis, foi verificado que 5,13% das propriedades adquirem ovinos apenas para reprodução e que a maior parte adquire animais para recria/terminação (94,87%), o que indica uma carência de animais em virtude da demanda local. Apesar disso, 74% dos entrevistados consideram que seus rebanhos estão estabelecidos e apenas 26% ainda estão aumentando o número total de ovinos em busca da formação do rebanho. A taxa de reposição anual média dos rebanhos é de 15,85% e varia entre 2 e 30%.

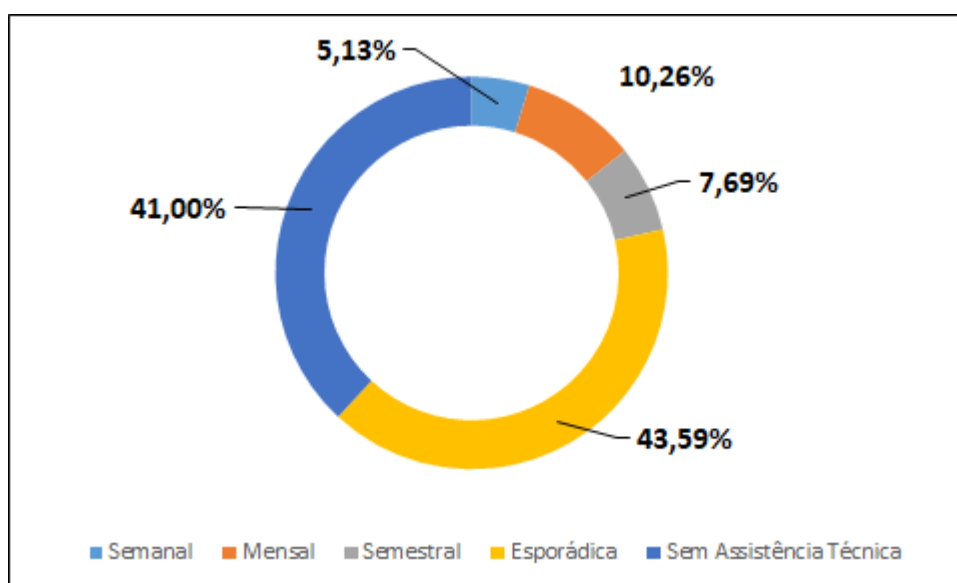


FIGURA 6 – Periodicidade da assistência técnica nas unidades produtoras de ovinos da região do Alto Teles Pires, MT (Fonte: Arquivo Pessoal).

Em 59,00% (23/39) das propriedades há assistência técnica, com frequência semestral em 7,69%, mensal em 10,26%, semanal em 5,13% e esporádica em 43,59% das propriedades (Figura 6). Em sua maioria o acompanhamento técnico é particular (27,50%; 11/39), seguido por empresas públicas (17,5%; 7/39) e por empresas privadas (12,50%; 5/39). É importante salientar que a assistência técnica periódica é fundamental para o desenvolvimento da atividade. A propriedade com acompanhamento profissional apresenta, na maioria dos casos, melhores índices produtivos, reprodutivos e controle sanitário do plantel, permitindo assim, maior lucratividade e competitividade.

CONCLUSÕES

É necessário que os produtores de ovinos se organizem para buscar alternativas para a comercialização dos produtos cárneos na região do Alto Teles Pires, MT, visando a maior rentabilidade da atividade. Técnicas mais adequadas de manejo nutricional, reprodutivo e sanitário são importantes para elevar os índices produtivos. A assistência técnica periódica pode potencializar o desenvolvimento destes índices, por meio da difusão de tecnologias e da profissionalização da atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIEC – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes. 2022. Disponível em: <https://www.abiec.com.br/>.

ANUALPEC – **Anuário da Pecuária Brasileira**. Editora FNP. 20ª edição, 2013, 357 p.

ANUALPEC – **Anuário da Pecuária Brasileira**. Editora FNP. 1ª edição, 2019, 280 p.

BARROS, J. M. C.; GUIMARÃES, G. S.; ZATTI, A. P.; GOMES, H. F. B.; POLIZEL NETO, A.; MOURÃO, R. C. Preferências do consumidor de Sorriso-MT em relação aos cortes da carcaça ovina e seus produtos processados. IV Jornada Científica de Pesquisa e Extensão do IFMT – Campus Sorriso, **Anais**. p.49, 2016.

BENTO, F. C.; HOLSCHUCH, S. G. ECKSTEIN, C.; SANTOS, R.; GOMES, S. C.; GOMES, H. F. B.; MOUSTACAS, V. S.; MOURÃO, R. C. Avaliação do sistema de produção de ovinos na microrregião de Sinop-MT. IX Congresso Nordestino de Produção Animal. **Anais...**, Ilhéus-BA. 2014a.

BENTO, F. C.; HOLSCHUCH, S. G. ECKSTEIN, C.; GOMES, S. C.; GOMES, H. F. B.; CASTRO, B. G.; MOUSTACAS, V. S.; MOURÃO, R. C. Caracterização do mercado da carne ovina na microrregião de Sinop-MT. IX Congresso Nordestino de Produção Animal. **Anais...**, Ilhéus-BA. 2014b.

CARVALHO, D. M.; SOUZA, J. P. Análise da cadeia produtiva de caprino-ovinocultura em Garanhuns. XLVI CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. **Anais...**, Rio Branco-AC. 2008.

BIANCHINI, B. D.; *et al.* Caracterização do consumidor da carne ovina na cidade de Dom Pedrito RS. Dom Pedrito – RS, VII Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão – Universidade Federal do Pampa, **Anais...**, Dom Pedrito-RS, 2015.

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos**. V. 9 – SAFRA 2021/22- N. 12 – Décimo Segundo Levantamento | SETEMBRO 2022.

COUTINHO, D. F. Perfil dos consumidores de carne ovina do município de Sinop-MT. 2017. 48 f. **Trabalho de Conclusão de Curso – TCC** (Graduação em Zootecnia), Universidade Federal de Mato Grosso, Sinop-MT, 2017.

COSTA, R. G., ALMEIDA, C. C., PIMENTA FILHO, E. C., HOLANDA JUNIOR, E. V., SANTOS, N. M. Caracterização do sistema de produção caprino e ovino na região semiárida do estado da Paraíba, Brasil. **Archivos de Zootecnia**, v. 57, n. 218, p. 195-205, 2008.

ECKSTEIN, C.; BENTO, F. C.; MOURÃO, R. DE C.; LOPES, L. B.; GOMES, H. F. B.; MOUSTACAS, V. S.; SANTOS, R. de L. Characterization of the sheep industry in the médium northern region of Mato Grosso, Brazil. **Revista Brasileira de Ciências Veterinárias**, v.24, n.2, p.81-85, abr/jun. 2017.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **CIM: Centro de Inteligência e Mercado de Caprinos e Ovinos. Número de frigoríficos e abatedouros registrados no**

MAPA, 2022. Disponível em: <https://www.embrapa.br/cim-inteligencia-e-mercado-de-caprinos-e-ovinos/frigorificos-e-laticinios>.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção da Pecuária Municipal**. v.43, 2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção da Pecuária Nacional**. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/>.

INSTITUTO MATO-GROSSENSE DE ECONOMIA APLICADA. **Mapa de macrorregiões do IMEA**. 2010. Disponível em: <https://www.imea.com.br/upload/publicacoes/arquivos/justificativamapa.pdf>.

TEIXEIRA, A.; SILVA, S.; GUEDES, C.; RODRIGUES, S. Sheep and Goat Meat Processed Products Quality: A Review. **Foods**. V.9, n.7, p.960, jul. 2020. doi: 10.3390/foods9070960.

TEIXEIRA A., RODRIGUES S. Qualidade da carne, marcas e tendências de consumo. In: Lorenzo J., Munekata P., Barba F., Toldrá F., editores. **Mais do que carne bovina, suína e de frango — a produção, o processamento e as características de qualidade de outras fontes de carne para a dieta humana**. Springer; Cham, Suíça. p.21–29, 2019.

YORINORI, E. H. **Características dos sistemas de produção de pequenos ruminantes e prevalências da artrite - encefalite caprina (CAE) e maedi - visna (MV) ovina, nas regiões norte e nordeste de Minas Gerais**, 2001. 98 f. **Dissertação** (Mestrado em Medicina veterinária Preventiva e Epidemiologia) - Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 2001.